



## **Vivência, organização e formação em agroecologia: um relato sobre os aprendizados com o Grupo de Agroecologia Umbuzeiro (GAU)**

*Experience, organization and training in agroecology: a report on learning with the umbuzeiro agroecology group (GAU)*

SANTOS, Júlio César Novais<sup>1</sup>; SOUZA, João Wandeson Trabuço de<sup>2</sup>; JERICÓ, Livia Layse de Oliveira<sup>3</sup>; MARINHO, Cristiane Moraes<sup>4</sup>; SANTOS, Luís Almeida<sup>5</sup>; SOUZA, Judenilton Oliveira dos Santos<sup>6</sup>

<sup>1</sup> Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF), juliosantos.eng.agronomo@gmail.com;

<sup>2</sup> Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF), joaotrabucodesouza@gmail.com; <sup>3</sup>

Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF), liviajerico@gmail.com; <sup>4</sup> Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sertão Pernambucano (IFSertãoPE),

cristiane.marinho@ifsertao-pe.edu.br; <sup>5</sup> Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF) / Instituto Regional da Pequena Agropecuária Apropriada (IRPAA), luispiritiba@gmail.com; <sup>6</sup> Instituto Regional da Pequena Agropecuária Apropriada (IRPAA), judenilton@gmail.com

### **RELATO DE EXPERIÊNCIA TÉCNICA**

#### **Eixo Temático: Construção do Conhecimento Agroecológico**

**Resumo:** A sistematização deste relato traz a experiência de parte dos autores no Grupo de Agroecologia Umbuzeiro (GAU). Tem por objetivo refletir sobre o processo de organização e realizações marcantes durante o período de participação de alguns autores neste grupo, formado e auto-gestionado por estudantes e que traz na sua essência o diálogo e as referências de luta e metodológicas junto aos movimentos sociais e organizações populares. No período compreendido neste relato de experiência, o grupo cumpriu com o importante e ainda carente papel de aproximação da universidade e comunidade, além de contribuir na formação de profissionais para a atuação junto a essas comunidades e suas organizações na perspectiva agroecológica. Constituído-se como referência para outras organizações estudantis, universidades e movimentos sociais.

**Palavras-chave:** agroecologia; construção de saberes; movimentos sociais; organização da juventude; organizações populares.

#### **Contexto**

Segundo Darolt (2002), no final do século XIX um movimento em todo o mundo por alimentação saudável e em contraponto à agricultura industrial, em desenvolvimento, impulsionou o surgimento de correntes de agricultura que mais tarde seriam chamadas de Agriculturas Alternativas. Com o tempo, outros elementos passaram a ser incorporados, como: a garantia de direitos de trabalhadores/as e de comunidades tradicionais, justiça social e solidariedade, e para parte significativa da sociedade, ampliaram-se os requisitos para que um alimento seja considerado “limpo”. Contudo, este continua sendo um campo em disputa.

No Brasil, com a reabertura democrática nos anos de 1980 e o fortalecimento dos movimentos sociais e organizações populares, essas correntes de agricultura progressivamente vão conquistando, também, o seu espaço. Nas universidades as



teorias difundidas pelos professores Miguel Altieri e Stephen Gliessman, da Universidade da Califórnia, nos EUA, e pela professora Ana Primavesi, autora da obra *Manejo Ecológico do Solo*, constituíram-se um importante lastro para o conceito que encontrou maior número de adeptos: a Agroecologia.

É é nesse período de florescimento da Agroecologia, que um grupo de estudantes de Agronomia passa a se reunir para estudar e vivenciar a temática na Universidade do Estado da Bahia (UNEB), em Juazeiro-BA. Esse grupo de estudos resultou na criação do Grupo de Agroecologia Umbuzeiro (GAU), entre 2004 e 2005. Ana Dalva, egressa do curso e uma das fundadoras do GAU, em carta enviada ao grupo, relata que esses/as estudantes eram em sua maioria ligados/as ao Diretório Acadêmico Livre de Agronomia (DALA), inquietos/as com a formação que recebiam no curso, direcionada ao agronegócio.

Desse modo, respaldado pelas histórias de lutas do povo e das comunidades tradicionais do semiárido e apoio dos movimentos sociais, o GAU se constitui enquanto espaço formativo que contrapõe aos grandes empreendimentos do capital (agronegócio, mineradoras, parques eólicos) apontando a Agroecologia como caminho para alcançar a soberania alimentar e nutricional, autonomia das populações e enfrentar as crises climáticas e desigualdades sociais latentes.

Este relato foi produzido a partir das experiências de participação de parte dos autores, também egressos do curso de Agronomia na UNEB em Juazeiro e que foram membros do GAU entre os anos de 2011 e 2019. E teve por objetivo relatar um pouco da trajetória de auto-organização deste grupo formado majoritariamente por estudantes, que traz na sua essência o diálogo e as referências de luta e metodológicas junto aos movimentos sociais e organizações populares.

### **Descrição da Experiência**

O GAU se organiza pela autogestão, onde não há definição de coordenações ou lideranças, todos os membros têm o mesmo direito a fala e participação nas tomadas de decisão. Todos e todas cumprem tarefas, que vão desde representar o grupo junto aos parceiros, planejamento, coordenação e relatoria das reuniões do grupo, até o planejamento da área produtiva/experimental e trabalho em mutirões, organização e participação em eventos como cursos, simpósios, seminários e encontros de Agroecologia.

Durante o período aqui relatado, o grupo se reunia semanalmente para planejar e avaliar suas ações. O momento de reunião constituía-se como um importante espaço de aprendizado onde, dois integrantes ficavam responsáveis por coordenar e fazer a relatoria, estes definidos previamente, ao final de cada reunião, alternando semanalmente. Assim, todos e todas tinham a oportunidade de exercitar as suas habilidades naquelas funções, sendo importante para a organicidade do grupo e também para suas atuações futuramente enquanto profissionais.



Em algum momento da reunião, um/uma ou mais participantes elaboravam a mística, momento reflexivo, onde, de forma lúdica, as pessoas eram convidadas a animarem-se à luta, nas diferentes frentes onde estavam atuando. A sala de reuniões também era preparada especialmente para os encontros, onde os responsáveis pela mística, colocavam objetos, bandeiras, livros etc. ao centro do espaço (Figura 01). Estes símbolos trazem a referência às comunidades, movimentos sociais e Agroecologia. Esse modo de se reunir foi referenciado e aprendido com os movimentos sociais.

As concepções teóricas e metodológicas que norteavam e, ainda norteiam, a atuação do GAU são oriundas, em grande parte, dos movimentos sociais do campo e de Organizações Não Governamentais (ONGs) que atuam com base numa extensão rural agroecológica. Uma das organizações parceira do grupo é o Instituto Regional da Pequena Agropecuária Apropriada (IRPAA), sediada em Juazeiro, Bahia, que atua junto às populações do semiárido há mais de 33 anos estimulando iniciativas agroecológicas de Convivência com o Semiárido, educação contextualizada, protagonismo juvenil, agricultura familiar etc., elementos fundamentais que contribuem para o empoderamento e autossustentação das famílias no campo, tentando alcançar o bem viver.

O IRPAA também possui uma área experimental e pedagógica, o Centro de Formação Dom José Rodrigues (Figura 02). O GAU naquela época, e ainda hoje, mobiliza turmas de Agronomia e articula junto ao IRPAA visitas nesse espaço proporcionando aos/as calouros/as à discussão da Convivência com o Semiárido. Desse modo, os/as visitantes têm a oportunidade de conhecer um pouco da filosofia da organização e, também, das tecnologias para a Convivência com o Semiárido. Além disso, o IRPAA integra a Articulação no Semiárido (ASA), então, ao conhecer esta organização, indiretamente, estão conhecendo um conjunto de organizações que, inclusive, estão inseridas nos seus territórios de origem. Entretanto, muitas vezes os estudantes visitantes nunca ouviram falar ou ouviram de maneira preconceituosa e deturpada. Preconceito este que terão contato durante toda a sua formação, especialmente os/as estudantes de Agronomia, em um curso que privilegia o agronegócio, em detrimento da agricultura familiar camponesa.



**Figura 01:** Ornamentação para reunião



**Figura 02:** Visita ao IRPAA com calouros/as de agronomia da UNEB.

Outro espaço formativo que foi e continua sendo importante no GAU é sua área de cultivos e práticas agroecológicas que, segundo registros do grupo, foi conquistada em 2010, junto com a sala de reuniões. Enquanto a sala de reuniões era uma “casa



caída” que foi reconstruída; ao fundo, a área antes ocupada parcialmente por um experimento com a cultura da bananeira, deu lugar à área de cultivos experimentação agroecológica.

Entre 2011 e 2019 foram realizados mutirões, onde atividades puderam ser desenvolvidas, como o plantio de mudas nativas e frutíferas, práticas de compostagem, preparo de biofertilizante líquido, manejo do solo, entre tantos temas. Em dado momento, a partir de discussões coletivas, o grupo entendeu que a melhor forma de conduzir esse espaço era criando estratégias para desenvolver as práticas. Com isso, a manutenção diária da área passou a ser feita a partir da organização de escalas em um mural, onde os membros poderiam se inscrever em determinados horários do início da manhã e final da tarde, para irrigar as plantas ou fazer alguma atividade necessária de manejo, de acordo com sua disponibilidade. Já os mutirões, ações mais técnicas e trabalhosas, eram realizadas nas manhãs de domingo.

Os mutirões eram sempre temáticos e importante espaço de aprendizado, por exemplo: para conduzir a atividade de compostagem, feita com restos vegetais da própria área e esterco caprino do aprisco da universidade, membros preparavam e abordavam sobre como e por que realizar aquela prática, buscando relacionar os aspectos técnico-científicos com as práticas em Agroecologia.

Os alimentos produzidos pelo grupo eram sempre partilhados pelos membros e, durante os mutirões, eram realizadas refeições coletivas na própria sede. Essa intimidade e cuidado com a terra e a partilha de alimentos trouxe uma relação muito importante na construção coletiva do próprio grupo, florescendo por muitas primaveras, construindo e difundindo a Agroecologia a partir de sujeitos distintos em suas áreas de atuação.

O GAU a partir das inquietações de ampliar o debate em torno da Agroecologia protagonizou a organização de alguns eventos, tais como: I e II Curso Regional de Formação em Agroecologia (CRFA) e o I Simpósio Transdisciplinar em Agroecologia (SITRAG).

O I CRFA aconteceu em 2012, período que o GAU integrava a Federação dos Estudantes de Agronomia do Brasil (FEAB) e assumia a responsabilidade de construir o Núcleo de Trabalho Permanente em Agroecologia (NTP de Agroecologia), da federação, juntamente com a Escola de Agronomia da Universidade Federal de Santa Maria, no Rio Grande do Sul. O curso foi uma construção junto a outras escolas de Agronomia do Nordeste, movimentos sociais, como o MST- Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, MPA- Movimento dos Pequenos Agricultores, MAB- Movimento dos Atingidos por Barragens, Movimento de Fundo de Pasto, Comunidades Quilombolas e Organizações Sociais, como o IRPAA.





Realizado no Centro de formação Dom José Rodrigues, o Seminário de Planejamento e o Curso de Formação da Equipe Pedagógica (Curso de Coordenadores/as), com a participação dos movimentos e organizações parceiras, e que precederam o curso propriamente, denotam o caráter de organização participativa e pedagógica do curso, não apenas enquanto conteúdo, mas também no seu modo de fazer.

O II CRFA aconteceu em janeiro de 2017, na Escola Família Agrícola de Sobradinho – EFAS. O Grupo Estudantil Agroecológico (GEASA), o Movimento de Apoio à Agricultura Familiar (AGROVIDA), a Associação Mantenedora da Escola Família Agrícola de Sobradinho (AMEFAS), Movimento de Pequenos Agricultores (MPA) e o Instituto Regional da Pequena Agropecuária Apropriada (IRPAA) apresentam-se com parceiros na construção do curso.

O curso contou com a participação de 50 cursistas representando diversas instituições do campo e da cidade. Através de uma metodologia participativa com tempo estudo, tempo trabalho e tempo roça, os cursistas juntamente com a comissão organizadora, puderam compartilhar suas experiências e construir o debate facilitados nos seguintes temas: diversidade do campo, modelos de desenvolvimento e seus impactos na sociedade, formas de resistência, convivência com o semiárido, agrobiodiversidade, feminismo na Agroecologia, educomunicação e expressões da juventude do semiárido.

O I SITRAG foi realizado na Universidade do Estado da Bahia – UNEB/III no Departamento de Tecnologia Ciências Sociais – DTCS, no mês de novembro de 2018. O evento promoveu uma articulação entre jovens estudantes, agricultores, técnicos e professores, construindo conhecimento com base agroecológica, através de experiências concretas por meio de publicações de trabalhos, minicursos, rodas de conversas e vivências. Além de pautar as lutas e movimentos sociais na universidade, como por exemplo, a luta pela Reforma Agrária realizada pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – MST.

O SITRAG se propôs a discutir questões relacionadas à Agroecologia e os problemas socioambientais regionais. Participaram como palestrantes e cursistas principalmente jovens representantes das comunidades tradicionais de fundo e fecho de pasto, quilombolas, agricultores, movimentos sociais e também advogados parceiros da Associação de Advogados e Advogadas dos Trabalhadores Rurais – AATR. Cerca de 180 pessoas participaram do evento.

Na construção desse simpósio o GAU contou com os seguintes parceiros: IRPAA; Serviço de Assessoria a Organizações Populares Rurais (SASOP); Rede Territorial de Agroecologia do Sertão do São Francisco; Sertão Agroecológico; Departamento de Tecnologia e Ciências Sociais (DTCS/UNEB III); Departamento de Ciências Humanas (DCH/UNEB III); Mestrado de Horticultura Irrigada (DTCS/UNEB III); Programa de Mestrado em Ecologia Humana e Gestão Socioambiental (PPGEcoH/DTCS/UNEB III); Programa de Mestrado em Educação, Cultura, Territórios



(PPGESA/DCH/UNEB III); Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF); Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA) e o MST.

Durante toda a construção do I e II CRFA e do I SITRAG bem como durante as suas realizações, onde os membros do GAU e pessoas indicadas pelas organizações cumpriram a tarefa da coordenação política e pedagógica, aconteceu um intenso e importante diálogo de saberes e experiências. Dessa forma, esses espaços possibilitaram ao GAU “beber da fonte” dos movimentos sociais e organizações populares, como também viabilizou a articulação entre as instituições/organizações facilitando a construção coletiva da Agroecologia.

## Resultados

O processo de auto-organização e o diálogo com movimentos sociais e organizações populares presente no GAU, no período compreendido neste relato de experiência, cumpriu com o importante e ainda carente papel de aproximação da universidade e comunidade, além de contribuir na formação de profissionais para a atuação junto a essas comunidades e suas organizações na perspectiva agroecológica. Constituído-se como referência para outras organizações estudantis, universidades e movimentos sociais.

A partir desses espaços construídos pelo GAU, o grupo ampliou as discussões sobre Agroecologia dentro e fora dos muros da universidade, criando parcerias com instituições de ensino, organizações da sociedade civil, instituições de pesquisa, movimentos sociais e Redes de Agroecologia e Educação. Além disso, a atuação do GAU promoveu a aproximação da comunidade acadêmica dos cursos de direito, pedagogia, jornalismo e engenharia de bioprocessos e biotecnologia ao debate sobre Agroecologia, convivência com o semiárido, movimentos sociais e luta de classe, dentre outros.

## Referências bibliográficas

ALTIERI, Miguel. **Agroecologia: bases científicas para uma agricultura sustentável**. Ed 3. Rio de Janeiro-RJ: Editora Expressão Popular. 2012. 400 p.

CAPORAL, Francisco Roberto; Costabeber, José Antônio; Paulus, Gervásio. **Agroecologia: uma ciência do campo da complexidade**. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário – MDA. 2009. 111 p.

DAROLT, Moacir R. As principais correntes do movimento orgânico e suas particularidades. In: DAROLT, M.R. **Agricultura orgânica: inventando o futuro**. Londrina: IAPAR, 2002. p. 18-26.